

**CONGRESSO INTERNACIONAL
“ORDENAMENTO TERRITORIAL E DESENVOLVIMENTO
URBANO”**

**INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS E POLÍTICAS,
LISBOA, PORTUGAL, 24-26 NOVEMBRO 2004**

**ONDE ESTÁ A NATUREZA POSSÍVEL DO E NO PLANEJAMENTO
URBANO?**

Por

EDVÂNIA TORRES AGUIAR GOMES¹

FABIANA SANTOS DE FARIAS²

Introdução

Os estudos e análises relativos à Cidade, exigem que o investigador, assuma como inevitável, a necessidade de decompor analiticamente as partes da cidade, beirando o método cartesiano, porém buscando articular cada parte em si, e com o todo do processo histórico sobre a qual se consolidou.

Tomando de empréstimo as palavras de E. Morin (1988:19):“Hoje só podemos lançar-nos com a incerteza, inclusive a incerteza sobre a dúvida. Hoje temos de por metodicamente em dúvida o próprio princípio do método cartesiano, a disjunção dos objetos entre si, das noções entre si (as idéias claras e distintas), a disjunção absoluta do objeto e do sujeito. Hoje, a nossa necessidade histórica é encontrar um método capaz de detectar, e não de ocultar, as ligações, as articulações, as solidariedades, as implicações, as imbricações, as interdependências e as complexidades. (...) Temos de partir da extinção das falsas clarezas. Não do claro e do distinto, mas do obscuro e do incerto; não do conhecimento seguro, mas da crítica da segurança?”. (Continua...)

1 Professora da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE-Brasil. E-mail:torres@ufpe.br

2 Doutoranda da Universidade de Kiel-Alemanha. E-mail:ff@gpi.uni-kiel.de

O Conceito de "Cidade" cintila sob a forma de diferentes idéias e entendimentos por parte dos Geógrafos e demais urbanistas, possibilitando uma infinidade de exemplos de classificação e ordenamento das cidades. Isto reflete de um lado a necessidade de se aprofundar as pesquisas científicas acerca das concepções intraurbanas em seus diversos níveis. De outro lado, revela o resultado de uma série de trabalhos intensificados no início dos anos 70, que no intuito de fazerem classificações dos espaços funcionais de cidades, terminaram por desenvolver diferentes conceitos e concepções, sem discutirem a questão da presença dos elementos físico-naturais nesses espaços, e suas internalizações e compreensões, tanto teóricas quanto práticas, por parte dos usuários desses espaços. Os diagnósticos, análises e estudos, culminando/resultando ou não, em intervenções, não contribuíram para o atingimento de definições precisas e operacionalizáveis, a partir do que se quer nas Cidades, quanto aos seus elementos físico-naturais, suas ancoragens sócio-culturais, suas paisagens, seu meio, sua natureza, e sequer avaliando a repercussão dos cenários construídos e seus impactos junto aos usuários das Cidades.

Informações sobre o meio ambiente da cidade, especialmente a percepção e o nível de satisfação da população quanto ao entorno de sua habitação apresentam-se como elementos fundamentais no auxílio à tomada de decisões, para o planejamento urbano. Ao lado do conhecimento acerca dos caminhos utilizados para os jardins da infância, passeios, trabalhos, aparecem informações sobre atividades que revelam a estrutura espacial e temporal dos lugares, vindo a funcionar como importantes papéis no domínio da cotidianidade das cidades.

A partir disso algumas questões podem ser levantadas:

1. Como são apreendidos estes espaços de ação por parte dos habitantes? Eles recortam os espaços de acordo com os recortes administrativos funcionais obviamente reconhecidos, ou eles recriam e reconhecem estes novos recortes dentro de suas atividades cotidianas?

2. De que fatores genéticos, sócio-econômicos e espaciais dependem a estrutura destes espaços de ação ?

3. Até que medida esses componentes são construtos da relação do indivíduo com o meio, ou são decorrentes de heranças culturais. Nesse sentido, onde residiria a dinâmica urbana na sua influência sobre os usuários da cidade. Como esses componentes permitiriam o reconhecimento das permanências, das resistências e das novas criações no Espaço de ação?

Este tipo de investigação conduz à "Análise Espacial", no concernente ao objetivo de compreender e esclarecer as expansões e

conexões humanas dentro dos círculos de motivações sociais. Estendendo este princípio que norteou a Análise Espacial na geografia, Bahrenberg enfatizou a importância que o estudo dos comportamentos poderia representar para os planejadores da cidade, em especial associada à Geografia do Tempo, cujos parâmetros de estudos envolvem análises de pressões/obrigações a que o indivíduo encontra-se submetido, compreendendo desde às necessidades fisiológicas (capability constraints), por exemplo a necessidade de se alimentar, de dormir, passando pelas limitações de tempo com o trabalho (coupling constraints) até àquelas determinações estabelecidas por compromissos com pessoas isoladas ou grupos (authority constraints).

Tendo como pano de fundo essas inquietações procurei conduzir um exaustivo trabalho de pesquisa, cuja sinopse ora apresento, tendo como objetivo a discussão dos entendimentos dos usuários da cidade do Recife, localizada na Região Nordeste do Brasil, acerca dos elementos significativos nas áreas por ele vivenciadas ao longo das diversas intervenções públicas e privadas promovidas nesses espaços, destacando trocas de relações entre os seus moradores, frequentadores e demais usuários, a pesquisa utilizou 3 segmentos, denominados de eixo, da cidade do Recife como focos de investigação.

No primeiro momento da pesquisa situei o quadro de evolução da cidade do Recife, discutindo historicamente os marcos significativos do processo de ocupação construída frente aos condicionantes físico-naturais. Estes aspectos da “construção do urbano” na cidade permitem a aproximação necessária à compreensão dos seus eixos urbanos e suas imbricações na escala maior onde se inserem, bem como fornecem “pistas” indicativas que levaram-me a seleção dos eixos de estudo.

Tendo como questões centrais:

a. Como foram estruturados os espaços de ação dos usuários destas partes da cidade, (grupos sociais e indivíduos) no campo de atendimento às suas necessidades e de suas relações sociais. O que esses espaços evocam, tanto pelo que já representaram para esses usuários, como para o que comportam nas tendências futuras. Que relações e entendimentos se estabeleceram entre usuários e os elementos físico-naturais, ao longo do quadro de intervenções urbanas promovidas e potenciais para estes espaços.

b. Até que ponto podem oferecer os aspectos extraídos da percepção, valoração e identificação desses usuários, que suportem novas discussões acerca do reconhecimento de que existem “compreensões” distintas da idéia de natureza na Cidade. A forma com que se propaga nos “discursos ambientais”, e o que se promove de fato na Cidade, encontra na captação

das apreensões pelo senso comum fortes indícios reveladores de suas distorções. A evidência do desconforto com a Cidade e seus problemas urbanos, bem como a alusão à necessidade de “preservação ambiental” são recorrentes, porém situadas à margem de um tratamento mais aprofundado que contemplem a subjacente questão da “Natureza” da e na Cidade.

As questões expostas, e os instrumentos necessários a sua investigação, reivindicaram o uso de métodos quantitativos e qualitativos que ratificaram a hipótese que só a composição destes métodos podem oferecer saídas, enquanto instrumentos, para uma maior aproximação do que se passa hoje na cidade, particularmente na cidade do Recife.

Na primeira parte da pesquisa foi analisada a configuração espacial do Recife, bem como as grandes unidades ambientais, as divisões da cidade em Regiões Político-Administrativas (RPA's), e os seus segmentos viários significativos. Esta apresentação teve por finalidade mostrar as macropeculiaridades dos diversos espaços da Cidade, a fim de permitir situar melhor os eixos e seus respectivos encaixes no Recife, mas o todo. Esclarecendo que, cada um dos três eixos, compreende Quarteirões, se situando em Bairros, que por sua vez constituem, em conjunto as RPA's.[9] Com o uso desta terminologia buscou-se evitar problemas de confusão e equívocos sobre o que se quer transmitir, ou de que Eixo se está falando. Além de revelar o caráter e papel desempenhado pela dimensão e equipamentos de cada espaço desses investigados no conjunto dos 214,92 Km², da cidade[10].

A segunda parte consistiu em reflexões acerca da Natureza da Cidade, das relações sociedade-natureza e das compreensões sobre o que vem a ser Paisagem e suas diferentes aplicações no panorama geográfico e posteriores apreensões por parte das disciplinas afins.

A terceira parte da pesquisa compreendeu o exercício das possíveis formas de apreensão dos elementos configuradores de paisagens, a partir dos entendimentos dos seus usuários. Os três Eixos pesquisados no Recife, são apresentados segundo a utilização de princípios e de métodos, citados anteriormente, na análise de espaços intra-urbanos da Cidade. As formas de representação dos eixos e seus elementos significativos são explorados, através da literatura (poesias, crônicas e poemas), relatos de viajantes, fotografias e expressões capturadas ao longo das entrevistas e questionários realizados.

1. Aproximação com alguns Princípios e métodos

As formas de trabalho em bases quantitativas e técnicas, permitem a construção de hipóteses com base na realidade. Enquanto que sob procedimentos qualitativos são trabalhadas as pesquisas empíricas através de diversas formas de intensas entrevistas. Cabe destacar que antes mesmo

das discussões acerca da relatividade do princípio quantitativo ser discutido no âmbito das ciências sociais, a forma de pensar, obrigatoriamente científica.

A crítica ao uso exclusivo de métodos científico-matemáticos se situa especialmente na distância, frente a realidade, assumida pelos pesquisadores, que desconsideram informações de caráter subjetivo, ou não se aprofunda em questões interessantes para as quais os modelos não oferecem respostas.

Na realidade a controvérsia sobre os limites das possibilidades dos métodos quantitativos e qualitativos é ampla e bastante polêmica, e não sendo nosso objetivo estudá-la mas sim, aludí-la como referência conceitual, esta não será aqui, por hipótese alguma esgotada, tendo este trabalho apenas o propósito de reafirmar que dependendo do objetivo, da área de estudo e dos recursos ambos os métodos oferecem suas contribuições.

2. Pressupostos e pistas metodológicas para a realização da pesquisa

Convencionou-se adotar o quadro de desconforto das cidades - a desumanização de seus espaços e a perda da qualidade de vida - como tributos decorrentes do “processo de urbanização” e “evolução dos espaços urbanos”. Esforços no sentido de ultrapassar esse estado de desconforto como inerente à complexidade dos espaços urbanos, e historicamente inevitável, remetem à tese acerca da inospitalidade das cidades, defendida por Mitscherlich.

Nesse âmbito, há de se ressaltar que aspectos relativos à percepção dos usuários acerca das cidades e seus elementos construídos e físico-naturais ainda continuam sem maiores considerações no nível de ações efetivas. O não privilegiamento desses aspectos não os suprimem. Antes, assumem formas de expressão que podem também ser interpretadas como reação por parte dos usuários das cidades, que carecem de maiores considerações e estudos, inclusive do ponto de vista metodológico.

A valorizada visão a respeito das informações, procedimentos e prognoses sobre a cidade, segundo a análise de seus bairros, através da Geografia Social, Geografia Urbana, Sociologia, Sociologia Urbana e Etnologia esta, principalmente, deixa claro que qualquer pesquisa sobre a cidade, independente das diferentes concepções e perspectivas disciplinares, deverá dar-se através do reconhecimento e valorização da prioridade dos indivíduos nas partes da cidade; por meio de sondagem das condições de interdependência e inter-atuação do meio físico; da história das construções da cidade enquanto obra, da história da relações entre o uso e a propriedade do solo erigida, bem como do meio social com a estrutura

demográfica, econômica e social; e, por fim, a apreensão e a captação da posição ou lugar que esta parte da cidade ocupa no conjunto maior da cidade, segundo a perspectiva dos seus habitantes.

À essência dos indivíduos, enquanto conteúdo geral de uma experiência direta/objetiva; vivência de sentir, desejar, pensar, imaginar, lembrar, ordenar, esquematizar e avaliar, inclusive, permitindo-o abranger a totalidade ou unidade. Em sua condição antropológica, o indivíduo possui ainda capacidade/talento para se expressar. A expressão verbal pode no conteúdo do seu pensamento, é adquirida de fora para dentro, o que acarreta encontrarem-se diferentes capacidades de expressão/manifestação, limitadas a partir da exploração do conteúdo do seu consciente, por exemplo, o julgamento ou avaliação da qualidade dos espaços que utilizam para o exercício do atendimento às suas necessidades. Por outro lado, todo indivíduo tem também uma essência territorial. Portanto, sua ligação espacial se constitui não só no nível racional, na perspectiva de atendimento às suas necessidades materiais no espaço vital da cidade ou de seus bairros, mas também no nível emocional, em sua ligação com o espaço, no sentido de “seu lugar”, ou seja, sua identidade com o espaço.

Além disso, ainda se encontram diferenciações sociais, sobretudo no nível de formação profissional e relação de salário e rendimentos. Coexistem nas cidades e em seus microespaços públicos e privados, pessoas de níveis sociais diversos, com exigências e necessidades diferenciadas, que se situam em diferentes fases da vida, e que se distinguem principalmente pelas diferentes faixas etárias e “status” sócio-econômico.

A localização do bairro quanto à sua evolução histórica da cidade, tem uma grande importância neste contexto. Através da experiência e do conhecimento acumulado, existe sempre a expectativa de se encontrarem nos bairros do centro da cidade equipamentos físicos bem diversificados e de atendimento favorável às necessidades, infra-estrutura moderna e em bom estado de conservação; a existência de comércio a retalho ou não; e ofertas de serviços diversificadas. Por outro lado há também a expectativa de se constatarem nos corredores de saída desses bairros ou especificamente nas suas principais artérias, tráfegos densos e congestionados, poluição sonora, atmosférica e visual, e transtornos correlatos.

A transição do centro para o subúrbio, ou vice-versa, de acordo com alguns autores, apresenta espaços de intermediação; estes espaços tem características diferentes quanto à sua composição sócio-econômica, apresentando expectativas de uso e atendimento às necessidades específicas dos usuários no contexto da evolução da cidade estudada, fatores que

reivindicam aprofundamento de estudo sobre a gênese e evolução do espaço posto.

A investigação de bairros da cidade acena para a seguinte reflexão: como o indivíduo, no centro, na zona de transição, ou no subúrbio, dá um sentido de realização, dentro da sua posição e papel na sociedade, às suas necessidades e exigências frente aos espaços que utilizam mais freqüentemente? Como se colocam estas necessidades do ponto de vista das intervenções públicas e privadas que impliquem em transformações dos espaços de seu cotidiano? A partir dos determinantes antropológicos do comportamento dos indivíduos, suas condições e estruturas sociológicas, e os determinantes do meio físico - construídos ou não - deve-se esclarecer que a vida nos diversos lugares e não-lugares da cidade é uma combinação complexa, uma multi-espectral troca de fenômenos e fatos culturais e naturais.

3. Pesquisa de representação do Recife em três eixos urbanos

Avançando com estas preocupações foram concentrados esforços na identificação de microespaços na cidade do Recife, de onde se poderia partir para a realização de exercícios exploratórios que permitissem a captura das dimensões subjetivas de seus usuários e viessem a fornecer aportes que justificassem a importância da inserção dessa perspectiva no conjunto de análises convencionalmente acolhidas. Assim, foi empreendida uma investigação na cidade do Recife, considerando três modalidades de bairros diferenciados.

Optou-se então, pelos seguintes focos da pesquisa: bairros residenciais centrais e dois outros situados em subúrbios residenciais ou em zona de transição.

Dentro dessas três tipologias de bairros, e coerente aos propósitos da pesquisa, que visa a dar recortes da apreensão desses espaços por parte dos seus usuários, e, considerando o enfoque dos elementos físico-naturais contextualizados historicamente ao longo da evolução dos usos e ocupações desses microespaços, foram privilegiados novos recortes espaciais na forma de Eixos, eleitos nesses bairros.

A combinação dos elementos físico-naturais e dos segmentos viários construídos, ao lado dos equipamentos determinantes da estrutura urbana, configuradores do meio físico sobre os quais se desenvolvem o meio sócio-espacial dos usuários, numa perspectiva do seu histórico e potencial de intervenções, constituiu-se na justificativa da seleção desses recortes de investigação, conforme pode ser constatado na caracterização de cada um deles.

A pesquisa sobre esses eixos se desenvolveu em três categorias de bairros. Assim, na categoria de bairros centrais do Recife foram estudados:

o bairro do Recife e o bairro de Santo Antônio; na categoria de bairros situados em zona de transição foram parcialmente pesquisados: o bairro de Santo Amaro e do Salgadinho, este situado já no município metropolitano de Olinda, particularmente caracterizado em área de conurbação, onde os equipamentos públicos de uso comum e infra-estrutura viária funcionalmente, subvertem limites e divisões político-administrativas; na categoria de bairros tipo-subúrbios foram trabalhados parcialmente os bairros de Boa Viagem e Imbiribeira. Buscou-se realçar as informações relevantes ao longo da história de cada um desses bairros, que contribuíssem à análise dos Eixos selecionados para investigação dentro da cidade.

A linha da pesquisa foi a mesma para todos os bairros, sendo aplicados questionários cujos conteúdos foram concebidos, considerando as especificidades de cada bairro, as intervenções significativas e os ritmos de deslocamentos e utilizações dos eixos. O tratamento e interpretação desses questionários foram acompanhados de análise de material iconográfico (mapas e fotos).

Nesta pesquisa, foram atingidos alguns importantes objetivos, tais como: apresentação da história da construção dos eixos pesquisados; dados sobre as características sócio-econômicas objetivas dos habitantes, segundo bases estatísticas; informações sobre procedências dos entrevistados; tempo de conhecimento do entrevistado do eixo pesquisado; relação estabelecida com o eixo na perspectiva da história do entrevistado, elementos significativos/marcantes no eixo (na dimensão físico-natural, emocional, sócio-econômica e do ambiente construído).

Também se buscou ter uma perspectiva da qualidade de vida objetiva, no julgamento de seus habitantes, quanto à detecção de uma consciência emotiva em relação aos eixos inseridos nos bairros pesquisados; ou seja, no mínimo, a noção de pertencimento a esses microespaços; escala comparativa deste eixo em face de outros, bem como a expressão do sentimento das territorialidades exercidas ao longo das práticas cotidianas realizadas nesses eixos. Para a obtenção desses diferentes resultados foi procedida pesquisa através de imprescindíveis contatos efetuados intensivamente, no sentido da representatividade dos depoimentos, testemunhos, declarações, sem que houvesse intervenção precedente capaz de conduzir as respostas.

A pesquisa baseou-se em fontes históricas, material iconográfico (mapas), levantamento de fotos antigas e busca de ângulos iguais ou similares na realização de fotos novas que pudessem subsidiar a ilustração das transformações promovidas nos eixos investigados, e sobre os quais foram solicitadas as representações e julgamentos dos entrevistados. Ao

lado disso, foram pesquisadas literaturas secundárias, bem como efetuados levantamentos e seleção de poesias e crônicas que, publicados ao longo da história da cidade do Recife, pudessem contribuir para a compreensão das representações de paisagens amplamente difundidas na população, reconhecidas a partir dos questionários e entrevistas realizadas nos eixos.

A despeito dessas contribuições, em especial considerando a perspectiva da inospitalidade ou não da cidade, segundo os critérios subjetivos da representatividade dos seus usuários, Mitscherlich, ao considerar globalmente a cidade, não se deteve aos microespaços da cidade e suas singulares variações entre si e em si. Por exemplo, nos centros da cidade existem também espaços residenciais ao lado dos comerciais; assim como no subúrbio podem existir espaços industriais ao lado dos residenciais e comerciais de diferentes proporções.

Sendo assim, deduz-se que uma investigação sobre a cidade deverá contemplar seus diferentes espaços e especificidades; por sua vez, estes conduzem a diferentes julgamentos e perspectivas de seus usuários na elaboração de suas paisagens e na promoção de suas relações para com estes espaços capturados nos e pelos seus cotidianos.

A estrutura de apresentação dos resultados da pesquisa em cada eixo enfatizou os seus respectivos aspectos peculiares frente aos bairros onde se inseriam. A estrutura comum das abordagens privilegiou a seguinte seqüência:

4. Eixo (localização) origem, história, e dinâmica de uso e ocupação

- ∇∇ sítio e a situação ;
 - ∇∇ distrito administrativo ou circunscrição administrativa da cidade; e
 - ∇∇ representações nas gravuras e desenhos esquemáticos;
 - ∇∇ representações nos poemas, poesias, crônicas e relatos dos viajantes;
 - ∇∇ exercícios de comparação de registros fotográficos (fotos antigas e novos)
 - ∇∇ exercícios de comparação de mapas e cartas antigas;
 - ∇∇ vista geral e a inserção do eixo no conjunto da cidade;
 - ∇∇ justificativa da escolha do eixo;
 - ∇∇ elementos físico-naturais mapeados no eixo;
 - ∇∇ sistema viário
 - ∇∇ intervenções públicas e privadas relevantes;
 - ∇∇ uso e ocupações predominantes ao longo do eixo;
- #### **5. O Eixo enquanto subjetivo do mundo vivido**
- ∇∇ justificativa da amostra de entrevistados selecionada;
 - ∇∇ perfil dos entrevistados;
 - ∇∇ finalidade e tempo de permanência;

- ∇ tempo de conhecimento do eixo, recordações informações sobre ele;
- ∇ representação do eixo como lugar de diversão e lazer;
- ∇ elementos significativos no eixo;
- ∇ importância dos elementos físico-naturais existentes no eixo;
- ∇ níveis de interesse em participar de discussão sobre o eixo;
- ∇ expressões e avaliações acerca do passado e do futuro do eixo;
- ∇ julgamentos comparativos com outros espaços da cidade; e,
- ∇ indicações de problemas e apontamentos de alternativas.

Proporcionalmente a cada eixo, foram aplicadas diferentes composições e números de questionários, cujos horários e dias de aplicação guardaram afinidades com as características de uso e ocupação dos eixos e com o perfil da amostra dos entrevistados.

Num universo de 96 bairros na cidade do Recife, que somam uma população de 1.240.000 habitantes, foram pesquisados seis bairros.

No eixo 1, foram aplicados 360 questionários com passantes, que se deslocaram por um eixo de 2Km, os quais correspondiam a dois trechos denominados A e B, respectivamente, os bairros do Recife e Santo Antônio, interligados por uma ponte sobre o Rio Capibaribe .

O número de questionários foi estabelecido, partindo de um trabalho exploratório prévio, onde foi computado o número de passantes em cada extremidade da ponte que interliga os dois bairros, a partir do que se elegeram 10% do número total alcançado pela média dos passantes contados.

O horário de aplicação, entre 10:00 e 13:00, atendeu ao critério associado à intensidade de circulação dos passantes-usuários do eixo e, de uma forma mais ampla, do bairro. Mais uma vez, a singularidade do uso e ocupação do eixo, ou seja, a concentração de atividades bancárias e de serviços, além de funcionar como eixo de circulação de acesso e deslocamento dos que utilizam transportes coletivos, determinou a pesquisa.

O eixo 2, correspondente ao espaço de circulação do Complexo Viário Salgadinho e o entorno apropriado para implantação de um parque denominado Memorial Arcoverde, situa-se como zona de transição urbana entre a cidade do Recife e o município metropolitano de Olinda.

A característica de circulação, que justificou o recorte selecionado, oferecia múltiplas opções para determinação de uma amostra de usuários a serem investigados nesta pesquisa. Poder-se-ia partir dos usuários de transportes coletivos, com a aplicação de questionários em pontos de ônibus ou seus terminais; ou partir de investigações junto aos usuários desse eixo que utilizam transportes particulares e, daí, serem efetuadas aplicações em postos de gasolina, por exemplo.

O eixo 3, correspondente às margens do Canal Jordão e o seu entorno; destaca-se por tratar-se de uma antiga área alagada e de manguezal, por onde fluía o Rio Jordão - um dos tributários da bacia do Pina. Este eixo e seu entorno vêm sendo incorporados, na atualidade, ao complexo de expansão urbana do bairro da Boa Viagem - com elevada especulação imobiliária - que, pela esgotabilidade da sua ocupação, espalha-se em direção ao bairro contíguo da Imbiribeira - de características populares, mais especificamente, nas imediações deste canal, com ocupações desordenadas, sob a forma de barracos, as quais, integram parcialmente uma comunidade organizada denominada Entra-Apulso.

Do processo de ocupação do entorno desse eixo, que contou com sucessivos aterros, também e inclusive, legitimados pela ação do poder público, nos níveis municipal e Estadual, resultou a instalação de empreendimentos de grande envergadura como o Shopping Center, a abertura e infra-estrutura viária envolvendo desde vias locais até pistas marginais ao canal (a própria obra de canalização do citado Rio Jordão é um exemplo), bem como dois túneis e um complexo de viadutos (Viaduto Tancredo Neves).

A esse complexo se agregam as edificações com finalidades residenciais, como os conjuntos habitacionais Castelo Branco e Residencial Boa Viagem I e II, e os depósitos e galpões comerciais e industriais, localizados à margem esquerda do Canal Jordão e em suas respectivas proximidades. Do lado direito do Canal compõe o complexo de ocupação iniciado com a construção do Shopping Center, encontram-se edifícios com finalidades comerciais e de serviços, tais como o Empresarial Center I e II, e instalações bancárias.

A perspectiva de reestruturação sócio-espacial dessa área de expansão entre bairros, em especial a partir do projeto de urbanização Nassau, justificou a seleção desse eixo. O conhecimento sobre os elementos físico-naturais - componentes genuínos desses espaços de intervenção urbana, tais como alagados e manguezais - e o entorno mais diretamente impactado com a intervenção proposta por este projeto, subsidiaram a delimitação do recorte efetuado para investigação. Tais fatores instigaram à reflexão acerca de como eram considerados estes espaços pelos seus usuários-freqüentadores, principalmente no quadro em curso de erradicação dos manguezais.

Considerando a diversidade ofertada e o perfil das escolhas efetuadas anteriormente nos eixos 1 e 2, foi privilegiada, neste eixo, a amostra junto aos usuários-moradores das ocupações diretamente situadas nas margens do Canal, alvo de “negociações” para retiradas de população moradora, com vistas à implantação das obras “urbanizadoras” do canal, previstas no

Projeto Nassau, conforme pode ser constatado na súmula histórica do Projeto Nassau, extraídas de notícias em Jornais e acompanhamento dos Estudos e Relatórios de Impactos Ambientais, submetidos e licenciados pelo órgão ambiental competente.

6. Três eixos da cidade do Recife através de recortes de suas paisagens

Nos espaços urbanos, as formas contemporâneas de apropriao territorial e o conjunto de práticas desenvolvidas encontram um caminho chave para sua compreensão no estudo das representaes dos processos e relaes sociais estabelecidas com e no quadro físico-natural, ao longo do processo histórico. As avaliaes subjetivas dos usuários desses espaços apontam para elementos reconciliatrios com as representaes contidas nos registros (técnicos, artísticos, acadmico-científicos) sancionados e difundidos pela história oficial da sua evoluo.

Os reencontros de marcas históricas, vislumbrados na representao e leitura da relao dos usuários com o espaço, não implicam na negao de novas inseres e contribuies dentro da construo e dinâmica inerentes  sociedade. No entanto, emergem como eixos estruturadores sobre os quais se vinculam as representaes contemporâneas, revelando escolhas de passagens nos registros históricos, o que contribui para reforçar e justificar os interesses contextuais dominantes.

Algumas influências aparecem de forma sutil ou não, no jogo de cartas caracterizador dos espaços urbanos das cidades. Elas são refletidas nas práticas individuais e coletivas, públicas e privadas. Na perspectiva dos usuários, independentemente dos perfis sócio-econmicos, essas influências fazem-se presentes, principalmente, na investigao de representaes dos espaços contemporaneamente vivenciados, quer seja na dimensão da cidade como um todo, quer seja na análise de seus microespaços. No tocante  cidade como um todo, e nos seus microespaços vinculados  sua gnese mais primitiva, os referidos reencontros são mais evidentes.

As representaes, como dito, pautadas em selees prévias e articuladas com as novas contribuies contextuais e temporais que fazem as dinâmicas dos espaços, configuram as diferentes paisagens, construídas, simultânea e distintamente, na perspectiva dos seus usuários, diretos ou indiretos. Paisagens que assumem atributos atrelados aos interesses predominantes na perspectiva de quem as apreende. Poucos conceitos colocam tão plenamente em questão a idéia de um processo histórico linear e evidenciam com tanta polmica a necessidade de se pensar o espaço, como aqueles abrangidos pela paisagem, que, conforme já foi trabalhado

no referencial teórico, se insere e se move em diferentes níveis problemáticos de investigação[35].

Desse modo, podem ser prevaletentes representações sob a forma de paisagens, associadas a Natureza, no sentido dos seus atributos físico-naturais; bem como, e principalmente, são evocadas nessas representações as paisagens como artefatos, ou sejam vinculadas às ideologias dominantes, enquanto compostas de recursos materiais a serem explorados sob a forma da qualificação e requalificação de seus elementos estéticos, funcionais e atributos potenciais de exploração como capital.

Por outro lado, e a despeito da construção de elaborações pretensamente hegemônicas, determinadas pelas ideologias dominantes, e a cujas intervenções se sucedem subordinações de profundos e amplos espectros, subsistem as representações em paisagens como lugar de vivências e práticas associadas à existência do indivíduo ao longo da sua história.

O rebatimento desse processo de representações sucessivas foi de forma ilustrativa analisado ao longo do tratamento dado aos questionários aplicados nos 3 eixos de investigação desta pesquisa, realizada na Cidade do Recife, segundo recortes históricos seletivos no conjunto das práticas contemporâneas e das conseqüentes representações dos indivíduos e grupos sociais. Tributário de eventos e construções históricas, o espaço urbano, mesmo que pesquisado contemporaneamente, não se permite ao desvinculamento das camadas sucessivas, e nem por isso homogêneas, harmônicas e combinadas, sobre as quais se assenta.

Empreendimentos de diferentes escalas temporais e espaciais relativos a práticas de expansão e aprofundamento do conhecimento detalhado e apropriação do mundo material são o substrato sobre o qual se confeccionam seus registros interpretativos, premissas de representações e cortes seletivos, findando por se constituírem em referências. Esses registros, pontos de partida, inclusive como representações e leituras, fincaram raízes na perspectiva das representações dos fatos conseqüentes no presente mais próximo; é a partir deste presente que será retomada a Cidade do Recife na análise de seus microespaços.

7. Inquietudes acerca das paisagens da cidade nos recortes pesquisados

A contemplação do mundo e a representação das suas formas e descobertas encontra na paisagem o canal para sua expressão. Capturada inicialmente pelo aspecto fisionômico que ostenta, a paisagem detém além de forma, conteúdo e processos, cujas construções emergem de dimensões concretas e simbólicas, históricas e culturalmente situadas. Esses componentes da paisagem e a diversidade de combinações que os seus

arranjos físicos e humanos oferecem, inspiram diferentes esforços de abordagens.

Perspectivas objetivamente técnicas e pautadas por rigores do conhecimento científico privilegiam levantamentos de elementos, em especial físico-naturais, integrantes de espaços representados sob a forma de paisagens. Aspectos e formas predominantes locais são cotejados com informações anteriores, classificados e inseridos em estatutos universais. Passam a compor inventários especializados e não necessariamente articulados entre si.

Abordagens literárias e artísticas, tanto na pintura, como poesia, música, entre outros, elaboram representações desse mundo contemplado abstrato ou concreto, atribuindo-lhes leituras ilustrativas de componentes subjetivos e estéticos permeados de emoções e significados simbólicos.

As paisagens só existem para quem as representa, independentemente das forças e interesses que movem esse olhar. Essa apreensão implica em arranjos e organizações de elementos, segundo critérios culturais e filtros psicológicos e emocionais próprios. As representações das paisagens não se repetem, a não ser por massificação cultural, o que não impede que elementos marcantes sejam recorrentes ou alusíveis nessas representações. Conforme pode ser observado nas paisagens das cidades, onde persistem mais fortemente no imaginário coletivo, determinados atributos associados a redes, fluxos, cercas, limites, zoneamentos, edifícios, ao lado de ruídos, poluições diversas, canais, linhas, perdas de relação de vizinhança, espaços centrais diariamente saturados e noturnamente desertos e, principalmente a ausência de natureza em forma nativa, ou, encontrada reproduzida ou artificialmente simulada.

Esses e outros aspectos presentes nas representações de paisagens das cidades, convidam a reflexões privilegiando a relação nelas estabelecidas com a natureza. Regida pelo ideário do progresso e reelaborada dinamicamente para permanecer sempre na moda (sentido de Walter Benjamim), a cidade tem no adjornamento da questão sócio-ambiental um dos alvos reveladores da sua contradição. Historicamente na construção das cidades, os aspectos sócio-ambientais foram predominantemente valorizados segundo princípios estéticos e de apazibilidade, onde, devidamente modelados e adequados a padrões de urbanização, incorporam valores de usos e trocas.

Afinal o que é natureza? Esta pergunta aparentemente tão simples de responder não encontra eco plausível na história da confecção de Paisagens de nossas cidades. Os pilares sobre os quais foram edificados os espaços urbanos não contemplam entendimentos nítidos acerca da existência da natureza possível. No “mundo da engenharia e da técnica” ideologicamente

os elementos físico-naturais são convertidos em acessórios subliminares até o surgimento de protótipos que os substituam. A paisagem vista e qualificada por ser contemplada, paisagem de convenção, opõe-se à paisagem vivida, aquele de todos os dias, "paisagem ordinária", em simples movimento, submetida aos efeitos econômicos e políticos e às transformações técnicas.

O período atual é possivelmente aquele onde a paisagem vivida põe questões essenciais aos adeptos da paisagem de convenção acerca da existência de sensibilidades mais profundas, que não são objeto de uma estética oficial e que revelam valores afetivos, simbólicos ou funcionais, coletivos, arraigados ou ancorados à história dos povos. Este trabalho representa um exercício em torno dessas reflexões. Desenvolvido na cidade do Recife, cidade-anfíbia culturalmente negada como tal, este trabalho partiu de hipóteses de que a idéia de natureza não encontrava-se com contornos definidos na concepção dos usuários da cidade.

Essas hipóteses reavivaram o legado cultural sobre as quais foram assentadas. Os reencontros das falas e expressões "nostálgicas" de cenários bucólicos, não recuperam idéia de natureza primitiva do sítio, ou sequer de paisagens como condicionantes naturais. A expectativa de artificialização do natural encontra-se intrinsecamente vinculada à idéia de progresso e modernidade. Como a cidade reflete essas máximas, a natureza não tem seu espaço garantido nesse cenário, representado pelas paisagens dos seus usuários.

O poder público encena resgates históricos seletivos da cidade. Propõe revitalizações, renovações e medidas urbanísticas afins, em espaços sob os quais camadas de eventos sucederam-se. Elegendo o ponto significativo desse resgate histórico enceta campanhas de sensibilização e comoção social, com vistas a garantir cumplicidade do público no encaminhamento de empreendimentos turísticos.

Esses planos de preservação e recuperação urbana de sítios históricos e monumentos, suscitam dúvidas quanto aos beneficiados pelo resgate do seu legado na história de uma cidade colonial apropriada por portugueses e holandeses, principalmente, no seu início. Afinal de qual história procura-se raízes? O que é realçado nesse resgate? que edificações e monumentos se cultua?

Além disso, como pode ser apreciado nas falas, os elementos físico-naturais de uma parcela da cidade privilegiada pelo porto, mar, rios, e panoramas a partir de suas pontes, não foram contemplados nos planos oficiais de valorização, assim preteridos pelos edifícios que adotam novos usos e serviços voltados ao turismo e ao lazer noturno. A história do Recife exhibe uma negação constante às suas águas. O elemento natural

privilegiado é a praia, justificando assim o processo da ocupação em direção à zona sul da cidade.

Os aterros de manguezais são denunciados repetidamente como prejuízos ambientais, mas sem a dimensão em que essas perdas e danos ocorrem, nem as suas conseqüências. A impressão é de discursos mecanicamente reproduzidos e dissociados da prática, como os moradores da favela, que não guardam nenhuma perspectiva de uso dos mangues, a não ser como depósitos de detritos e esgoto.

Abrir essas discussão junto com a classe média moradora nas adjacências do manguezal dessa favela pesquisada, corroborou igual suspeita; ninguém quer assumir tal postura, sob pena de ser considerado “politicamente incorreto” do ponto de vista ambiental, mas implicitamente a rejeição aos mangues e alagados é consensual. A ausência de discussões e aprofundamentos dessas temáticas, hipostasia a questão da relação sociedade - natureza. Eticamente, é sabido o que fazer, mas etnologicamente, essa compreensão é negada.

Convive-se com uma natureza que é rejeitada nas ações e defendida em discursos. O conhecimento científico e técnico que poderia realçar a sua importância, encastela-se na torre acadêmica ou nos institutos de pesquisa. As informações, em especial conduzidas pela mídia, sobre meio ambiente, preservação da natureza e apelos afins, apresentam-se tão dissociadas do contexto do imediatamente vivido, que dificultam uma auto-reflexão e uma análise crítica sobre a questão sócio-ambiental vivenciada no cotidiano dos lugares.

Esse estado de desinformação ou deformação conduz à uma alienação progressiva materializada em práticas que reforçam a negação da natureza na cidade envolvendo desde dimensões mais singulares até as mais ubíquas. Isso fica bem ilustrado nessa pesquisa desenvolvida. O céu nem aparece nas respostas como elemento natural significativo em amplo espaço aberto. O rio não é lembrado nas referências sobre as pontes e o quadro de repostas dadas resume o implícito construído sócio-cultural do legado da nossa civilização, onde predomina a natureza como meio, como algo útil.

A pesquisa histórica em mapas, e depoimentos, bem como através de poesias, instigou a prosseguir nessa recuperação das bases conceituais e de compreensão dos elementos físico-naturais na paisagem. A análise comparativa das fotos, representa um excelente recurso de reconstituição, apoiada também em mapas. Abre-se uma nova perspectiva para continuidade desse trabalho.

Por outro lado, o estudo das representações de paisagens da cidade segundo esses recursos despertou novas inquietações acerca da assimilação

da cidade pelos seus usuários. Além desses aspectos, particularmente a dimensão teórica da paisagem e o seu rebatimento na prática, nunca pareceram tão cheios de dúvidas e possibilidades. Ao mesmo tempo em que é pleno de riquezas e possibilidades, o seu estudo apresenta tantas diversidades de enfoques e abordagens que, em determinado estágio suscita questionamentos acerca dessa amplitude.

Afinal, se essa categoria é tão completa que abrange múltiplas perspectivas e permite abrigar amplo leque de abordagens, desde o subjetivo ao objetivo, do emocional ao racional, do geral e do singular, ela pode perder-se na superficialidade ou no esvaziamento de seus propósitos. Em outras palavras reluzir-se inocuamente no seu ambicioso posto panóptico.

Essa interpretação sucumbe ao argumento que a paisagem não existe em si, ela é produto de construções e representações do mundo contemplado, portanto vivido, e como tal não é propriedade exclusiva de nenhuma ciência ou disciplina, tratando-se sim de um aporte para diálogos em exercícios de contemplação e reflexão sobre o mundo e o vivido. Nesse diálogo há assentos para artistas, filósofos, arquitetos, geógrafos, psicólogos entre outros, realimentado provocativa e animadamente pelo senso comum, com vistas aos novos reencontros entre teorias e práticas, entre mundos subjetivos vividos e objetivamente construídos, entre o natural e o mais aproximadamente humano.

A combinação da análise da paisagem com estudos sobre as representações das relações estabelecidas com a natureza, contemplando o seu entendimento no espaço das cidades, impulsionou outros desdobramentos que reafirmaram novas incertezas e dúvidas. A principal reside na idéia de natureza na cidade. Esses resultados iniciais da pesquisa apontam com bastante ênfase para o legado cultural como suporte para negação da natureza. Por outro lado permanecem discursos sobre a sua importância e necessidade.

A natureza é simulada e trazida para as residências dos usuários da cidade. Jarros, vasos, miniaturas de plantas, folhas secas, etc., decoram as residências. As pessoas fazem cooper ao longo das pistas marginais a rios poluídos, lagoas, calçadões a beira-mar, e parques seletivamente projetados. Aterram alagados e reivindicam canalizações de rios e charcos. As pessoas se sensibilizam com ursos pandas, micos dourados e pingüins, mas nutrem ojeriza pelos pombos urbanos, ridicularizam e denunciam a presença de animais soltos na cidade.

Esses e outras séries de exemplos que poderiam ser declinados, reforçando o ilustrado pelas respostas trabalhadas ao longo deste trabalho, levam à reflexão de que não há reconciliação possível entre o que se

entende por natureza e o que se faz com ela na cidade. A paisagem revela-se uma instância oportunamente possível de realçar essas relações sociedade natureza e suas compreensões no espaço da cidade, em suas diversas abordagens. É nessa perspectiva que situa-se meu interesse em prosseguir nessa trilha da paisagem.

8. Referência Bibliográfica

- ADORNO, T.W.: Wozu nach Philosophie. In: Eingriffe. Neuen kritische Modelle. Frankfurt, 1963.
- ALIATA, Fernando e SILVESTRI, Graciela. . Los Fundamentos de Las Ciencias de Hombre. El paisaje en el arte y las ciencias humanas. Tucumã/Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1994.
- BAHRENBURG, G.: Stand und aufgaben der "Spatial Analysis". In: Festschrift für Elisabeth Lichtenberger.Klagenfurter Geographische Schriften,H.6, 1985,p.16
- BAILLY, A. Représentations spatiales et dynamiques urbaines et régionales. Montréal: Editions régionales européennes, 1986.
- BARTELS, D.: Zur Wissenschaftstheoretischen Grundlegung einer Geographie des Menschen. Wiesbaden.Beiheft zur Geographischen Zeitschrift, 18, 1970.
- BENJAMIN, Walter. Gesammelte Schriften (GS) Band I, 3. Frankfurt a.M : Suhrkamp, 1980.
- BÖVENTER, E.v. "Die Struktur der Landschaft, Versuch einer Synthese und Weiterentwicklung der Modelle J. H. Thünens, W. Christallers und Löschs". Berlin, 1962.
- CHAI, E.; HAGEN, D., HASSE, J. e KRÜGER, R. Heimat im Matscher Tal. Eine kulturgeographische Untersuchung zu Alltag und Identität in einem abgelegenen Hochtal Südtirols. Oldenburg: Wahrnehmungsgeographische Studien zur Regionalentwicklung, H.4, 1966.
- DOWNS, R.M.: "Geographic Space Perception. Past Approaches and Future Prospects". In: Progress in Geography 1970.
- FRIEDRICHS, J. H. G. von ROHR. Soziologische Analyse der Bevölkerungs - Suburbanisierung. In: Veröffentlichungen der Akademie für Raumforschung und Landesplanung, Bd. 102. Hannover : 1975. S. 39-80.
- FRIEDRICHS, J. Stadtanalyse, Soziale und räumliche Organisation der Gesellschaft . 3. Auflage. Opladen, 1983.
- GOUVEA, Fernando da Cruz. Perfil do Tempo. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife. 1990.
- GOMES, Edvânia Tôrres Aguiar Gomes. Recortes de paisagens na cidade do Recife. Tese. São Paulo: USP/FLCH, 1997.

- HARD, Gerhard. Die Landschaft der Sprache und die Landschaft der Geographen (Colloquium Geographicum - Hrsg) - Band II, Bonn : 1970.
- LEFEBVRE, Henri. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo : Ática, 1968.
- LICHTENBERGER, E. Stadtgeographie. 1. Begriffe, Konzepte, Modelle, Prozesse. Stuttgart : Teubner Studienbücher, Geographie, 1986.
- LUGINBÜHL, Yves. "L'invention dy paysage" In: Courrier de la Planète, n° 17, Juin, 1993.
- MITSCHERLICH, Alexander. Die Unwirtlichkeit unserer Städte - Anstiftung zum Unfrieden. Frankfurt am Main : Suhrkamp Verlag, 1965.
- MORIN, Edgar. O método: o conhecimento do conhecimento Lisboa : Biblioteca Universitária, 1986.
- NABUCO, Joaquim. (Carta datada de novembro de 1887. Publicada n' o O PAIZ, (Rio de Janeiro) edição da 4. feira, 30 de novembro de 1887) In: GOUVEA, Fernando da Cruz. Perfil do Tempo. Recife : Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1990..
- SCHAD, H. C. GRASS. Stadtteiltypisierungen von Frankfurt am Main: Sozialraumanalyse, Faktorialanalyse und Clusteranalyse im Vergleich. Trierer Beiträge zur Stadt- und Regionalplanung, Bd.15. Trier : 1988.
- SCHÄFER, Robert (Hrsg). Was heißt denn schon Natur? Ein Essaywettbewerb. München : Verlag Georg D. W. Callwey, 1993.
- SCHÄFERS, B. Über einige Zusammenhänge zwischen der Entwicklung suburbaner Räume, gesellschaftlichen Prozessen und Sozialverhalten. In: Veröffentlichungen der Akademie für Raumforschung und Landesplanung, Bd.102. Hannover : 1975, S.81-94.
- STEWIG, Reinhard.(Hrsg.) Untersuchungen über die Großstadt in Schleswig-Holstein. Kiel : Kieler Geographische Schriften, Bd.57. 1983.
- WEICHHARD, Peter. Raumbezogene Identität Bausteine zu einer Theorie räumlich-sozialer Kognition und Identifikation, Erdkundliches Wissen, H.102. Stuttgart : Franz Steiner Verlag, 1990.
- ZEHNER, Klaus. Stadteile und Zentren in Köln. Eine Sozialgeographische Untersuchung zu Raumstruktur und räumlichem Verhalten in der Großstadt. Kölner Geographische Arbeiten - Geographisches Institut der Universität zu Köln, Heft 47, Köln : 1987.